

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE FILOSOFIA – CCHSA**

VITOR SIMÕES DOS SANTOS SILVA

**A IMPORTANCIA DA MAIÊUTICA NA CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO
SEGUNDO O DIÁLOGO “TEETETO” DE PLATÃO**

CAMPINAS

2022

VITOR SIMÕES DOS SANTOS SILVA

**A IMPORTANCIA DA MAIÊUTICA NA CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO
SEGUNDO O DIÁLOGO “TEETETO” DE PLATÃO**

Projeto de Trabalho de conclusão de
Curso de Filosofia da Pontifícia
Universidade Católica de Campinas, sob
orientação do Profº. Me. Marcos José
Alves Lisboa.

CAMPINAS

2022

VITOR SIMÕES DOS SANTOS SILVA

**A IMPORTANCIA DA MAIÊUTICA NA CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO
SEGUNDO O DIÁLOGO “TEETETO” DE PLATÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso avaliado e
aprovado em ____de ____ de _____ pelo
professor orientador:

Prof. Me.Marcos José Alves Lisboa
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

CAMPINAS
2022

A Deus e à Virgem Maria, a
meus Pais Sinval e Alessandra,
a meus irmãos Luiz e Vinicius e
a todos os familiares e amigos.

"μάλα γὰρ φιλοσόφου τοῦτο τὸ πάθος, τὸ θαυμάζειν· οὐ γὰρ ἄλλη ἀρχὴ φιλοσοφίας ἢ τὴν ἀληθεύειν".

"É próprio do filósofo admirar-se, e o filosofar não tem outra origem senão o estar pleno de admiração."

Platão, Teeteto, 155 d.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho monográfico só foi possível graças a colaboração, direta ou indireta, de diversas pessoas, as quais sou muito grato a todos que auxiliaram no processo de construção deste trabalho acadêmico filosófico.

À Arquidiocese de Campinas, na pessoa do Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Dom João Inácio Muller, Arcebispo Metropolitano de Campinas e Grão Chanceler da Pontifícia Universidade de Católica de Campinas.

Aos meus reitores, Padre Paulo Staut e Padre Odair Costa Nogueira, por todo o incentivo e dedicação para com a minha vocação e para com os meus estudos até aqui.

Aos meus amigos e irmãos de seminário, Gabriel Ferreira, João Pulo, Maycon Espriocio, Luís Henrique Rocha Gasparoni e Willian Meneses, pela convivência fraterna e por toda oração que nos une e nos sustenta neste processo formação.

Por fim, agradeço ao Professor e Mestre Marcos José Alves Lisboa, que me orientou ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

Assim, afirmo que não tenho dúvidas que a ajuda e amizade destas tantas pessoas foram de grande importância para que este trabalho fosse pensado e concluído, me dando a alegria de, assim, concluir o curso de Filosofia.

RESUMO

Atualmente passa-se por um processo de desvalorização da crítica no meio do mundo contemporâneo, entorpecido pelo bombardeamento de notícias descentralizadas, pela depreciação do pensamento crítico dentro do processo educacional, a supervalorização do entretenimento causam o desaparecimento do intelectual. A motivação primeira para se repensar o contexto do desaparecimento do intelectual, isso na perspectiva de que o processo maiêutico ajuda o homem a se libertar da superficialidade, característica presente na civilização do espetáculo. O nosso ator busca pelo processo maiêutico extrair o conhecimento de dentro do homem, esse processo ajuda a trazer a crítica de volta ao centro da vida humana, pois já afirmava Sócrates “uma vida sem investigação não vale a pena ser vivida” (PLATÃO, Apologia de Sócrates, 38).

Palavras-chave: Maiêutica; Conhecimento; contemporâneo; Crítica; Pensamento.

ABSTRACT

We are currently going through a process of disappearance of criticism in the contemporary world, numbed by the bombardment of decentralized news, by the devaluation of critical thinking within the educational process, the overvaluation of entertainment cause the disappearance of the intellectual. The first motivation to rethink the context of the disappearance of the intellectual is from the perspective that the maieutic process helps man to free himself from superficiality, a characteristic present in the civilization of the spectacle. Our altor seeks through the maieutic process to extract knowledge from within man, this process helps to bring criticism back to the center of human life, since Socrates already stated "a life without investigation is not worth living" (PLATO, Apology of Socrates, 38).

Keywords: Maieutics; Knowledge; contemporary; Criticism; Thought.

Sumário

INTRODUÇÃO	10
1. A MAIÊUTICA COMO FERRAMENTA DO PENSAR	13
1.1. SÓCRATES.....	13
1.2. SÓCRATES E A MAIÊUTICA.....	17
1.3. A MAIÊUTICA NOS FAZ PENSAR	20
2. O DESAPARECIMENTO DO INTELECTUAL	24
2.1. A “TELE-VISÃO” DO HOMEM.....	24
2.2. A CIVILIZAÇÃO DO ESPETÁCULO.....	27
2.3. - O DESAPARECIMENTO DA CRÍTICA	30
3. A MAIÊUTICA COMO RETORNO À CRÍTICA	36
3.1. QUESTIONAR PARA SABER	36
3.2. A MAIÊUTICA COMO INSTRUMENTO FILOSÓFICO	39
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
5. BIBLIOGRAFIA	44

INTRODUÇÃO

Desde a filosofia naturalista até a filosofia contemporânea, sempre esteve presente a ação do questionar. Essa prática motriz do pensamento filosófico vem perdendo espaço em nosso tempo, isso leva-se a questionar qual é a causa que está levando o homem a perder a sua capacidade de pensar? Não um simples “por quê”, mas um questionamento que leva o homem ao conhecimento. Entre os filósofos, o que melhor desempenhou este papel foi Sócrates, que o filósofo ateniense viveu entre os anos 470 à 399 a.C., em atenas, em um período e que a natureza deixava de ser o centro da reflexão e dáva espaço a política, à formação do homem e suas virtudes, a ética e a teoria do conhecimento.

No primeiro capítulo, apresenta-se a figura de Sócrates, que foi elevado pelo oráculo de Delfos como o ser mais sábio entre os homens, e tinha como ofício “parir” as ideias que carrega-se dentro de cada um. Para isso, o filósofo nos apresenta a maiêutica, sobre a qual afirma: “o que há de mais expressivo em minha arte é a sua capacidade de atestar, de todas as maneiras possíveis, se o intelecto do jovem e está gerando uma mera imagem, uma falsidade ou uma verdade genuína” (Platão, 2007, p 66). Isso dá-se a compreender a importância da maiêutica que esteve sempre presente em no meio do pensamento filosófica e desempenhou uma função importante na história da filosofia.

Em um de seus diálogos — Teeteto (399 a. C.), o filósofo apresenta uma discussão acerca do que é o conhecimento e se é possível obtê-lo. Ele nos apresenta seu método de buscar o conhecimento, a partir do uso da ironia, que auxilia no afastamento homem de sua doxa, ou seja, a opinião, e o aproximava da episteme que é o conhecimento. Da ironia chegamos na maiêutica, que ao questionar de diversas formas, a própria pessoa consegue extrair de si mesmo a verdade, identificando e afastando as ideias falsas existentes em si. Com isso, verificamos a importância da maiêutica como uma ferramenta indispensável para a obtenção do conhecimento.

Com isso, adentramos no segundo capítulo, onde será discutido a problemática do, ato de pensar, que vem sendo deixado de lado e perdendo a sua importância na vida do homem contemporâneo, a sociedade, segundo o escritor Vargas Llosa (2013, p. 29): “É a civilização de um mundo onde o primeiro lugar na tabela de valores vigente é ocupado pelo entretenimento, onde, divertir-se e escapar do tédio, é a paixão universal.”, o referido autor chama essa realidade de “A Civilização do Espetáculo”,

lugar em que o homem é cercado por uma cultura degradada e por diversos meios de comunicação e entretenimento, que prende e hipnotiza o ser contemporâneo, mina-se, assim, gradualmente sua capacidade reflexiva sobre as diversas situações e problemas de seu contexto social. Essa realidade proporciona o desaparecimento gradual do pensar, gerando segundo ele uma “cultura light”, marcada por conteúdos de rápida e de fácil leitura, sem a menor necessidade de esforço racional, priorizando primeiro o entretenimento.

O cientista político Giovanni Sartori, em sua obra *Homo Videns* (1997), nos apresenta um homem que vive em um meio de constante mudança e evolução em todos os sentidos, mas, principalmente no campo da informação. Sartori nos ajuda a compreender como o *homo sapiens* aos poucos está sendo transformado em um *homo videns*, causado por um estímulo de desinformação e degradação da cultura. Esse processo da “tele-visão” de certa forma, está mudando a natureza do homem pois mesmo antes de saber ler e escrever, já somos apresentados à televisão.

O homem, ao longo de sua história, vem dando sinais de que está perdendo sua capacidade de refletir e criticar tudo aquilo que envolve o seu cotidiano, e podemos ir mais a fundo, dizendo que, este homem está perdendo a capacidade de pensar por si mesmo.

Giovanni Sartori, culpa as mídias, principalmente a televisão. Em sua obra *Homo Vides*, diz “A primeira escola da criança (a escola divertida que precede a escola enfadonha) é a televisão, é um animal simbólico que recebe o seu “imprint”, o seu molde formativo, de um mundo feito de imagens, totalmente centralizado no ver”.

Esta realidade chamada por Llosa como “civilização do espetáculo”, a qual, o entretenimento é posto em primeiro lugar, deixando de lado o senso crítico. Neste modo de vida, é comum as pessoas lerem apenas o título das notícias ou artigos e com base nisso tiram suas conclusões. Não se aprofundam mais, muito menos buscam conhecer. Transformando o entretimento um valor supremo, leva o homem a um abismo de banalização e frivolidade.

No terceiro capítulo será abordado, esta realidade, que nos questiona o porquê filosofar hoje, em um mundo marcado pela relativização do pensamento, informações descentralizadas. O motivo continua o mesmo de sua origem que é trazer o homem à verdade, Sócrates afirma que “aprender é tornar-se mais conhecedor”, a partir desta afirmação, é sentida a necessidade de se retomar a maiêutica socrática e fazê-la presente em nosso meio. A maiêutica é de extrema importância para construir um

pensamento político, social e filosófico, este modelo socrático de filosofar, realiza no jovem Teeteto, aquilo falta no homem contemporâneo, a dor do parto intelectual, ou seja, o questionar-se, uma espécie de “auto maiêutica” ou uma maiêutica natural, que está intrínseca a alma do homem, mas que está adormecida pelo entorpecimento do senso crítico causado pelo excesso de diversão.

Retornando a Sócrates, ele atesta no seu diálogo com Teeteto, que sua arte maiêutica pode “despertar essas dores quanto fazê-las cessar”. Assim tem-se o mesmo objetivo do filósofo, fazer com que o homem contemporâneo, através da maiêutica, consiga se libertar da mediocridade intelectual que o aprisiona e entorpece, resgatando a crítica ao nosso meio.

1. A MAIÊUTICA COMO FERRAMENTA DO PENSAR

1.1. SÓCRATES

Pouco se sabe sobre Sócrates. O filósofo ateniense nada deixou, nada escreveu, e tudo que se sabe, foi difundido por seus discípulos, de maneira especial Platão. Tal fato, possibilita com facilidade o levantamento de diversas questões, sobre quem foi este homem condenado à morte por sua doutrina.

Nascido em Atenas, por volta do ano 470/469 a.C., é filho de Sofronisco e Fenarete, pai escultor e sua mãe lavadeira. Sócrates não dialogava com qualquer um que passava, pois, foi elevado pelo oráculo de Delfos como o ser mais sábio entre os homens, assim saía de encontro com os mais sábios para saciar esta dúvida, que fora instalada pelo oráculo. “Ariscou esta consulta ao oráculo, repito, senhores, não vos revolteis, ele perguntou se havia alguém mais sábio do que eu; respondeu Pítia que não existia alguém mais sábio (SOCRATES,1999, p. 44).” Sócrates buscou dialogar com políticos, com poetas e artesãos, mas sempre chegava à conclusão de que convinha ser mais como ele mesmo, ao invés de ser como os políticos, poetas e artesãos que se enganavam ao achar que eram sábios.

Para entender melhor a figura de Sócrates, é bom que se compreenda seu ambiente, Atenas, cidade que se tornou o centro da vida social e política da Grécia antiga, por seu desenvolvimento comercial e artístico. Ele vive numa época de grandeza intitulada como a era de Péricles, “conhecida como idade de ouro da civilização ateniense”¹. Atenas no tempo de Sócrates é um ambiente propício a cultura e ao desenvolvimento de experiências políticas, pois, é em Atenas que se vê, pela primeira vez a tentativa de um governo democrático, exercido diretamente por todos os que gozavam dos plenos direitos.

É, de fundamental importância, a função dos oradores. Nesta Atenas democratizada, pois, a palavra torna-se uma ferramenta política, tornando-se uma preocupação para os pensadores. Por essa necessidade torna-se necessário o preparar dos jovens para a vida pública, tornando-lhes capazes a partir da prática das virtudes (*aretê*), ou seja, ensinar a este jovem aplicar a arte da persuasão.

¹ Sócrates, 1990, p 19

Os sofistas trabalhavam exatamente com este propósito. Eram professores bem remunerados e disputavam entre si, no ensino dos jovens atenienses, a melhor maneira de utilizar a palavra. Se autodenominavam “sábios” e caminhavam na mão contrária as ideias tradicionais dos filósofos (os amigos da sabedoria). Estes Não se atentavam às buscas dos naturalistas, como, a origem do universo e o segredo dos astros, nem mesmo viam a necessidade de se desvendar a *physis*, ou seja, a natureza de cada coisa existente em nosso mundo, o seu único interesse era os valores morais e políticos.

Sócrates confronta firmemente este papel dos sofistas, afirma que não são filósofos, pois, não tem nenhum amor pelo saber e nem buscam a verdade. Para Sócrates, os sofistas defendiam qualquer ideia em relação aos seus interesses. O filósofo afirma que os sofistas faziam um papel de corruptores da juventude ao ensinar que a mentira valia igualmente à verdade. Marilena Chauí² (2019), apresenta os sofistas como representantes do espírito democrata existente em Atenas, isto é, defendiam um sistema político onde apenas algumas opiniões são válidas para toda a pólis.

Ao contrário dos Sofistas, Sócrates mostrava que antes de compreender a *physis*, que existe nas coisas, devemos conhecer a nós mesmos. Por isso, toma para si a escrita cravada no pórtico do templo de Apolo: “conhece a ti mesmo”. A partir disso, observamos que o período socrático é um período antropológico, como afirma Chauí: “por fazer do autoconhecimento ou do conhecimento que os homens têm de si mesmos a condição de todos os conhecimentos verdadeiros”.

Essa atividade questionadora de Sócrates mexia com os atenienses. Ele os interrogava acerca das mais diversas crenças e valores que seus concidadãos julgavam ter, mas ao serem questionados pelo filósofo, percebiam que nada sabiam de fato. Esta ironia, praticada por Sócrates, tinha como objetivo “propiciar uma catarse”³ no seu interlocutor, e este movimento o transformava em discípulo e tentava, por si, elaborar suas próprias ideias, não mais repetindo palavras.

Suas perguntas iam em direção às ideias, valores, práticas culturais e comportamentos que os atenienses acreditavam ser certos por si. Ao fazer esses questionamentos, lançava dúvidas sobre os alicerces idealistas da pólis ateniense,

² CHAUÍ, Marilena de Souza. (2019). *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2019. 520 p. ISBN-10: 50813469X. ISBN-13: 978-8508134694.

³Sócrates, 1990, p.25

fazendo os cidadãos pensarem não somente em si, mas na pólis como um todo. Esta consciência gerada no povo gerava incomodo aos poderosos da pólis grega, que passaram a ver Sócrates como um perigo, pois, fazia com que a juventude conseguisse pensar.

Assim, o acusaram de desrespeito aos deuses, corrupção da juventude e violação das leis, levando-o ao tribunal que o condenou a suicidar-se bebendo cicuta. O Diálogo “apologia” (399 a.C.) mostra a fidelidade de Sócrates à sua consciência. Nem mesmo seu amigo o convence a fugir de sua punição, podemos verificar isso em seu discurso, “Eu vos respeito e vos amo, mas obedecerei aos deuses em vez de obedecer a vós enquanto eu respirar e estiver na posse de minhas faculdades, não deixarei de filosofar (PLATÃO, 2002, p 496).”

Como nada escreveu, todos os diálogos ditos socráticos, foram transcritos por Platão, que ao expor as ideias de seu mestre, descreve-o como um filósofo histórico. Nalguns diálogos, a figura de Sócrates passa por uma certa mudança influenciada por Platão, inserindo algumas ideias próprias, como se vê nos diálogos “Menon” (385 a.C) e “Teeteto” (369 a.C). Pode-se identificar o início da pedagogia de Sócrates a partir do encontro com oráculo do deus Delfo, Apolo. Aqui, Sócrates assume para si a missão de demonstrar a todos aqueles que se achavam sábios, que nada sabiam. O objetivo de sua pedagogia, a ironia, era fazer com que os que tinham contato com este processo de reconhecimento de sua ignorância, pudessem pensar por si só, e deixar de lado a prática da repetição de ideias e frases prontas. (COTRIN; FERNANDES, 2016).

Para Sócrates, é necessário levar os homens a se desprender das ideias prontas, e mastigadas dos sofistas, por isso praticava a ironia com o objetivo de fazer com que o seu interlocutor caminhe com suas próprias pernas. Compreendemos melhor com um trecho da obra os pensadores:

“A demolição das falsas ideias que fundamentam a falsa imagem delas próprias é o que pretende a ironia: momento em que Sócrates, reafirmando nada saber, força o interlocutor a expor suas opiniões. (SOCRATES, 1999, p 25)”

Segundo Reale (2009) Sócrates tinha consigo que a alma seria o “eu consciênte”, ou seja, a alma seria o lugar da razão. Assim, conclui que a missão de Sócrates seria atender o deus de Delfos e ajudar todos os atenienses a cuidarem de suas almas, deixando de lado os prazeres do corpo, como ve-sê na obra “apologia”:

“Por toda parte eu vou persuadindo a todos, jovens e velhos, a não se preocuparem exclusivamente, e nem tão ardentemente, com o corpo e com as riquezas, como devem preocupar-se com a alma (PLATÃO, 2002, p. 17).”

Aqui podemos ver o comprometimento de Sócrates com o zelo pelo caráter, quando se refere aos valores, se refere a questão do homem, deixando de lado os bens materiais e buscando ensinar aos cidadãos de Atenas a necessidade de se buscar a *areté*.

Giovanni Reale, sintetiza muito bem a diferença entre a metodologia de Sócrates e a dos sofistas, “não se cuida com discursos em benefícios do mestre ou quem se crê tal: da alma, da alma individual, só se cuida com diálogo, ou seja, com o *logos* que, procedendo por perguntas e respostas, envolve efetivamente mestre e discípulo numa experiência espiritual única de pesquisa comum da verdade” (REALE, 2009, p. 138).”

Sócrates foi o filósofo que apresenta a razão, ele mudou o foco da busca filosófica, trazendo para o centro da discussão o homem. Aqui fica compreensível a tese de Sócrates ao dizer que virtude é conhecimento, este conhecimento não é simplesmente opinião solta e infundada, conhecimento em Sócrates é *areté* ou *episteme*, podendo chamar de ciência, que é diferente da *doxa*, que é apenas uma opinião. Essa *episteme*, não é simplesmente ensinada nem um simples conhecimento das coisas, ela é o conhecimento de si mesmo. A maiêutica socrática faz isso. Ao passar por ela, o homem se autoconstrói, assim agindo de acordo com as necessidades de sua alma.

Sócrates compreendeu e determinou a natureza do homem, diferente dos sofistas que ignoraram esta natureza e por consequência o seu fim último. O erro dos sofistas estava em identificar de modo errado as suas técnicas de ensino com a *areté*. Assim nos explica Reale ao afirmar o fim das técnicas sofistas: “Dada essa confusão de base, é evidente que a habilidade e as técnicas por eles ensinadas deviam acabar por ser não só eticamente anódinas, mas decepcionantes e capazes, em vez de educar, de arruinar. (REALE, 1993, p. 267)”

Platão afirma a superioridade de Sócrates em relação aos sofistas. Essa superioridade se dá objetivamente na compreensão de que o homem se diferencia de todas as coisas ao seu redor pela alma. Sócrates determina *areté* como alma, e o cultivar da *areté* torna a alma capaz de alcançar o fim último do homem e a sua felicidade.

1.2. SÓCRATES E A MAIÊUTICA

Conhece-se Sócrates através dos diálogos platônicos, onde se vê ver o desenvolvimento de sua metodologia, esses diálogos eram divididos em dois momentos o da ironia e da maiêutica. A ironia socrática é caracterizada pela dissimulação do “não saber”, aqui o filósofo não tem como objetivo zombar de seu interlocutor, mas sim fazer despertar nele a reflexão; impulsionado pelo questionamento, percebiam sua ignorância perante o assunto discutido. O próprio Sócrates dizia que uma das maiores virtudes de um sábio é sua própria ignorância, como se vê no diálogo “Apologia”: “Só sei que nada sei”.

O “não saber de Sócrates” é o ponto de partida. Ele se coloca na posição de quem tem a aprender, assim, o discurso fechado dos sofistas abre espaço a uma possibilidade de diálogo. Este “não saber” não representa nenhum tipo de ceticismo, mas, deve ser visto como uma ruptura diante do saber especulativo dos físicos e dos sofistas e da cultura tradicional. Apesar disso, aparece como uma nova forma de saber na qual Sócrates chamava de “sabedoria humana”. (REALE, 1993, p 307)

No seu diálogo com o jovem Teeteto o filósofo dialoga acerca do conhecimento. No primeiro momento, o jovem responde a Sócrates listando práticas e tópicos sobre o que viria a ser conhecimento. O filósofo age como um facilitador, alerta o jovem que listar não define o conhecimento e mostra que o conhecimento é inapreensível (PLATÃO, 2001a, p. 6).

Quando o jovem se reconhece na condição de “não saber”, Sócrates se coloca a realizar outras perguntas que por si vão gerar novas ideias, fazendo referência a profissão de sua mãe. O filósofo entende que pratica a mesma arte que sua mãe, a arte do parto, mas, diferente dela Sócrates realiza o parto de ideias. Como se verifica neste trecho do diálogo Teeteto (369 a.C), quando o filósofo declara ao jovem “a minha arte obstétrica tem atribuições iguais a das parteiras, com diferença de eu não partejar mulher, porém homens, e acompanhar as almas, e não os corpos em seu trabalho de parto”. Esta relação que Sócrates apresenta se dá no fato de que as parteiras gregas eram estéreis e auxiliando o parto das parturientes, a ideia de esterilidade é absorvida pelo filósofo, pois ele considerava-se estéril em matéria de saber.

A ironia socrática não tem o objetivo de simplesmente se opor à ideia do interlocutor, pois se assim fosse, causaria uma aversão por parte deste como causou

diversas vezes, pelo fato de fazer com que a alma do seu interlocutor se movimente além das ideias pré-concebidas, tirando a alma de um estado de inércia.

A maiêutica, diferente dos métodos educacionais aplicados nos dias de hoje, não enxerga o interrogado como uma figura passiva que apenas recebe informações de seu orientador. Pelo contrário, ela faz com que o interrogado realize um grande esforço intelectual a procura deste conhecimento. Pode-se dizer que ao se utilizar da maiêutica, Sócrates nada ensina aos jovens, mas faz nascer neles o desejo de buscar dar corpo e vida suas próprias ideias acerca do conhecimento. O ensino socrático descrito por Platão, tem como fundamento a orientação, na busca pela sabedoria, mais do que transmitir o que sabiam, o objetivo estava em mostrar o caminho e fazer com que os jovens trilhassem sozinhos.

A maiêutica praticada por Sócrates provoca a todos que entram em contato com ela, o filósofo utilizar de uma ação dialógica com uso de perguntas para criar no interrogado uma busca própria pela verdade. Esta ação sempre é acompanhada de argumentos e ideias que tem como finalidade propor uma verdade. Ao observar os diversos diálogos platônicos, eles sempre têm início com uma pergunta como por exemplo no Teeteto (369 a.C), o filósofo se depara com o problema do conhecimento, como se vê em: *“assim fala franca e nobremente, e responde: o que pensas ser o conhecimento?”* (PLATÃO, 2007, p. 61)”

Sócrates inicia um novo modo de filosofar. Ele volta o olhar para a essência do homem, movimento este que não se dá pelo método e sim pela necessidade de se colocar o homem no centro da investigação filosófica. A missão de Sócrates se dá na busca pela verdade, que se faz, pela prática da maiêutica, onde desconstrói e refuta o relativismo dos sofistas.

Segundo Reale, essa mudança no método filosófico se dá na troca do “discurso longo” de efeito pelo “discurso breve”. Percebe-se isto em: *“justamente, o diálogo aberto, sempre pronto a dobrar-se as exigências mais profundas daqueles que, juntos, buscam e põem em confronto, por assim dizer, alma com alma* (REALE, 2009, p 304).” A partir desta afirmação, fica evidente as finalidades do método dialógico, que visa exortar a vivência das virtudes e convencer o homem de cuidar de sua alma.

É neste sentido que Sócrates se coloca como um praticante exímio da maiêutica. Na Grécia antiga a arte da maiêutica era a arte de partejar, atividade está praticada por mulheres, considerando que as mulheres eram restritas ao serviço doméstico, como explica o filósofo ao dialogar com Teeteto, que herdara de sua mãe

está arte de partejar, assim ele próprio se intitulava parteiro de ideias, ao acompanhar os jovens em seu processo de discernir aquilo que traziam em si, como podemos acompanhar no trecho: “Contudo, o trabalho delas é menos importante que o meu, pois as mulheres não dão a luz, numa oportunidade, crianças reais e, em outra, meras imagens (TEETETO,150b).”

Retornando ao dito, Sócrates coloca sua arte como mais elevada do que aquela praticada pelas parteiras, pelo simples fato de que elas não conseguem e nem lhes cabem definir se as crianças são verdadeiras ou falsas ao nascerem. Já ele, antes mesmo de vir a luz, ajuda-se o seu interlocutor a descobrir se sua ideia é verdadeira ou uma mera ilusão. De fato, as parteiras tinham o devido conhecimento sobre uma mulher estar grávida ou não, e dominavam a utilização de certas drogas que auxiliavam no parto, como nos explica Sócrates: “Além disso, as parteiras se utilizando de drogas e encantamentos, são capazes de suscitar as dores do parto e se desejarem aliviá-las (TEETETO, 149d).” Compreendemos aqui a diferença ou superioridade da maiêutica praticada por Sócrates para aquela praticada pelas parteiras se dá no fato de que Sócrates auxilia no parto das ideias que estavam sendo geradas na alma do seu interlocutor era uma ideia falsa ou verdadeira, assim, podemos colocar sua arte como sendo mais elevada.

Esta relação, proposta por Sócrates, é necessária para se entender melhor como funcionava o processo maiêutico. Para o filósofo, a alma só poderá alcançar o conhecimento da verdade se estiver "grávida" desta verdade. Do mesmo modo que a mulher que estava grávida necessitava do auxílio de uma parteira, o jovem discípulo necessitava de Sócrates para realizar este “parto” de suas ideias, como se vê no diálogo com o jovem Teeteto (369 a.C): “Portanto – já que admiravelmente acabaste de me apontar o caminho – toma tuas respostas sobre as potências como modelo, e tal como abarcasse todas elas numa classe, embora fossem múltiplas, empenha-te em designar as múltiplas formas de conhecimento (TEETETO, 2007, p. 65).”

Chauí nos explica a maneira na qual Sócrates aplica sua metodologia dividida em dois momentos. O primeiro se dá no ato da exortação, o filósofo encoraja o seu interlocutor a filosofar, ou seja, era impulsionado a buscar a verdade, esta característica é percebida nos primeiros trechos dos diálogos platônicos, onde se vê um Sócrates mais tranquilo e modesto, que busca ficar atento ao diálogo daqueles que estão a sua volta. Dentro deste movimento está a indagação, onde fica mais claro

a intenção do filósofo, que questionando, analisa as repostas dada pelo interlocutor, buscando de maneira conjunta a seu interlocutor, chegar a uma resposta satisfatória.

Esse processo de estímulo, através de pergunta e resposta, vai aos poucos eliminando os pré-conceitos, dando espaço para novas ideias e, quando se chegava a outra contradição, se repetia o mesmo processo até que o interlocutor admitisse sua ignorância.

Assumida a ignorância, a maiêutica entrava em ação, levando em consideração que Sócrates compreendia esse movimento como um “parto de almas”, mostrando que todas as ideias geradas ao logo dos diálogos, não eram de sua autoria e sim do seu interlocutor, e seu papel é de simples auxiliar no esforço de permitir que essas ideias e conceitos viessem à luz. Chauí, apresenta uma visão melhor quando diz: “Platão criou a palavra maieutiké para referir-se ao “parto das ideias” ou “parto das almas” realizado pelo método socrático. (CHAUÍ, 2002, p. 505).

Assim, define-se de modo simples a maiêutica como uma a arte de partejar almas gestantes de ideias, sabendo que todos estes conceitos que estão se formando dentro do sujeito, são externalizadas durante o processo do parto. Assim a maiêutica se torna capaz de permitir a emergência dessas ideias.

Para isso, é preciso que o sujeito se entregue de maneira total, como a mulher que está para a luz confia à parteira sua criança, ele deve confiar-se ao filósofo, assim afirma Sócrates à Teeteto: “Entrega-te, pois, a mim, como o filho de uma parteira que também é parteiro, e quando eu te formular alguma questão, procura responder a ela do melhor modo possível. (TEETETO, 2007, p. 48)”.

1.3. A MAIÊUTICA NOS FAZ PENSAR

Desde o início da filosofia até o pensamento filosófico contemporâneo, a busca pelo conhecimento e por um pensamento mais crítico acerca da realidade e dos acontecimentos da vida humana, tem sido o objetivo do homem. Até aqui se acompanhou como Sócrates, a partir da maiêutica, coloca o homem no centro desta discussão filosófica e com isso desenvolve uma metodologia que visa também a obtenção do conhecimento. Com a aplicação da maiêutica, o filósofo, não apresenta uma simples ajuda ao jovem Teeteto, ele dá ao jovem as ferramentas necessárias para construir seu pensamento.

A maiêutica leva seus praticantes a desenvolverem uma atitude crítica, ela, faz deixar de lado o senso comum enraizado, negando os conceitos e juízos antecipados ao se deparar com as novas ideias e situações do cotidiano. Também, ela instiga a prática da interrogação, sobre o “ser” das coisas que rodeiam, como novas ideias, acontecimentos e valores. Assim, podemos dizer que a maiêutica nos faz ter uma atitude filosófica, como diz dizer Chauí: “O que é? Por que é? Como é? Essas são as indagações fundamentais da atitude filosófica (CHAUÍ, 1998, p. 12).”

Esta postura crítica, em relação ao mundo, faz compreender a primeira função do método socrático que consiste em fazer com que todos os que se envolviam no processo dialógico percebessem que nada sabiam a respeito do que achavam que dominavam. Por isso, Sócrates afirmava a necessidade de reconhecer as técnicas obstétricas de Sócrates dizendo: “sei que nada sei”.

Este processo por vezes, doloroso como um parto leva a enxergar as diversas situações de um ângulo novo, pois, tira do comodismo das ideias prontas e mastigadas nos lança em um campo desconhecido, forçando a nossa capacidade reflexiva.

O Teeteto de Platão, apresenta este panorama. Onde a maiêutica leva a pensar de maneira mais profunda. Este diálogo traz a questão fundamental discutida na teoria do conhecimento, ou seja, ele traz a o questionamento fundante: “o que é conhecimento?”. Sócrates, através do seu método dialógico, extrai do jovem geômetra, três definições do que vem a ser o conhecimento. Cada resposta em particular, vai gerando uma reputação mais robusta por parte de Sócrates, fazendo com que o jovem Teeteto vá mais a fundo em busca de uma maior clareza do conceito discutido.

A obra de Platão ganha uma importância, pois ele passa a ter um caráter epistemológico, à medida que Sócrates, de certo modo tenta definir o que é episteme. Durante o desenvolvimento do diálogo, se depara com três definições de episteme, que não serão mantidas; a episteme como sensação, a episteme como opinião verdadeira e por fim, a episteme como opinião verdadeira justificada.

Mesmo confessando não saber responder à questão de Sócrates, o jovem estudante de geometria, expõe a sua primeira definição do conhecimento: “Penso, portanto, que aquele que conhece qualquer coisa, *percebe*, o que conhece; e, como parece no momento, o conhecimento não passa de percepção (TEETEO, 2007, p. 70).” Esta resposta está relacionada à teoria do homem-medida de Protágoras,

Sócrates refuta esta definição de conhecimento, como sensação, a partir de um argumento curto e eficaz.

Sócrates diz que, quem tem o papel de jogar é a alma, como se vê no diálogo com Teeteto no ponto 184c: “sim, pois seria, de fato, estranho, meu menino, se houvesse muitos sentidos abrigados no interior de nós, como se fôssemos cavalos de madeira, e não se unissem todos em uma faculdade, que a chamemos de alma ou de outra coisa, pela qual percebemos através deles (TEETETO, 2007, p. 124).”

De uma maneira mais objetiva, a sensação não pode ser conhecimento, uma vez que os órgãos dos sentidos como olho, ouvido, boca e nariz, são instrumentos pelos quais nos relacionamos com o mundo sensível. Desta maneira, Sócrates conclui, junto a Teeteto, que o conhecimento não está nas sensações, no campo da reflexão sobre as coisas, ou seja, no plano da *doxa*.

Dando continuidade ao diálogo, pode-se observar o fruto da maiêutica praticada por Sócrates, afinal, é dado a Teeteto as condições para conceber uma nova ideia sobre o que é *episteme*. Não sendo ela encontrada na “aisthesis”, que é sensação, a *episteme* deve ser buscada em outro ambiente, lugar este que é a alma.

Novamente questionado por Sócrates, sobre a natureza do conhecimento, o jovem responde: “Afirmar que toda opinião é conhecimento é impossível, Sócrates, já que há falsa opinião. Mas provavelmente a opinião verdadeira seja conhecimento. (TEETETO, 2007, p.128)”. Aqui Sócrates se preocupa com a ideia da opinião falsa, por isso não examina de imediato esta nova hipótese apresentada por Teeteto. O filósofo levanta a possibilidade de erro ou de alguém julgar de maneira falsa, possibilidade esta que não foi aceita pelos sofistas. Assumindo a ideia de se existir opinião falsa, Sócrates vai conduzir o diálogo na tentativa de explicar o que vem a ser esta opinião falsa ou melhor dizendo a *pseude doxa*.

Utilizando da maiêutica, Sócrates, busca investigar a possibilidade de opinião falsa e refuta esta definição de *episteme*. Sócrates utiliza da retórica dos advogados como exemplo, e coloca em evidência que *episteme* se distingue de *doxa* “verdadeira”, pelo fato de que, a *doxa* assumir uma característica persuasiva, não apresentando a clareza e a distinta apreensão como faz a *episteme*. Os oradores e advogados tem a capacidade de persuadir, mas, persuadir nada mais é que levar o sujeito a assumir uma opinião. Sócrates explica esta questão: “mas meu amigo, se opinião verdadeira e o conhecimento fossem idênticos nos tribunais, o melhor dos juízes, jamais seria capaz de alcançar a opinião verdadeira sem o conhecimento.

(TEETETO, 2007, p. 153)”. Desse modo pode-se concluir que a episteme não pode ser assumida como *doxa*.

Assim a, *alethes doxa*, demonstrada como uma ação persuasiva, de maneira alguma pode ser identificada como *episteme*. Percebendo que sua definição, conhecimento, se encontrava inconclusiva, o Jovem Teeteto, pela última vez na tentativa de chegar à definição do conhecimento, lança a ideia de que a episteme é uma opinião verdadeira justificada: “Dizia ele que o conhecimento é a opinião verdadeira associada ao discurso racional, mas que a opinião verdadeira dissociada da explicação racional sai do âmbito do conhecimento (TEETETO, 2007, p. 153)”.

Assim, o diálogo busca a definição de episteme, agora o conceito de conhecimento passa a ter mais uma condição, ou seja, o conhecimento é a *alethes doxa logos*, ela recebe a condição do *logos*, este consiste na ideia de que é aquilo que a explicação é, como vai nos explicar Sócrates: “Consequentemente, quando um indivíduo atinge a opinião verdadeira a cerca de uma coisa não relacionada a um discurso racional, sua alma passa a deter a verdade no tocante a essa coisa, mas não detém nenhum conhecimento. (TEETETO, 2007, p.154).” Deste modo, quando o sujeito formula um juízo verdadeiro sobre um objeto, sem uma explicação racional, pode-se dizer que ele detém a verdade deste objeto, mas, não conhece o mesmo ao contrário daquele que associa a opinião verdadeira a uma explicação racional, se conclui que este conhecimento é perfeito.

Apresentada a busca do jovem Teeteto pela definição do conhecimento, pode-se ver claramente a importância do método maiêutico utilizado por Sócrates, junto ao seu interlocutor, para que se fosse mais a fundo no processo reflexivo. A maiêutica não é apenas uma simples ajuda que Sócrates dá ao jovem estudante de geometria, para que ele consiga produzir algum tipo de saber, tem como objetivo levar aqueles que praticam a um estado melhor, ou seja, tornar a alma mais virtuosa.

Praticar a maiêutica é essencial, principalmente nesse tempo, tendo em vista, que este método nos dá o alimento autêntico e por sua vez uma cura para à alma, tornando-a livre da superficialidade intelectual. Atualmente, o ato de pensar vem sendo deixado de lado, e perdendo a sua importância na vida do homem contemporâneo, isso se dá, pelo fato de que deixamos de lado a necessidade de refletir sobre a essência das coisas e, pior, deixa-se de cuidar da alma substituindo as virtudes da busca do conhecimento, pelo comodismo do entretenimento.

2. O DESAPARECIMENTO DO INTELLECTUAL

O homem contemporâneo vive uma crise antropológica em meio a um avanço exponencial das tecnologias de comunicação, como “Twitter”; “Instagram”; “TikTok”, e etc, este ser contemporâneo vive anestesiado por todo entretenimento disponível nestes espaços virtuais, e se encontra incapaz de refletir sobre si e principalmente sobre os diversos desafios sociais, econômicos e políticos se vive.

É evidente que esta excessiva busca pelo entretenimento mostra que se está cada vez mais se apoiando em uma geração descaracterizada e sem objetivo, que não é capaz de pensar, pois é dominada pelo consumo de conteúdos curtos e aleatórios, presos a uma “tele-visão” de um mundo empobrecido de conhecimento.

2.1.A “TELE-VISÃO” DO HOMEM

A maioria dos homens e mulheres deste mundo contemporâneo tem em seu bolso, um celular; em sua sala uma televisão e em seu escritório um computador. Os homes são rodeados por todos os diversos tipos de tecnologias e telas transmissoras de informação, das mais diversas possíveis. Até aqui nada de errado existe em tais itens, eles são hoje de grande necessidade em nossa vida, mas estes aparelhos são úteis à medida em que não leva a ter uma vida inútil, com o foco é apenas em gastar todo tempo em distrair-se. (SARTORI, 2001, p. 09)

Giovanni Sartori, um cientista político italiano, em sua obra “homo videns”, mostra que o homem se diferencia dos animais pois ele é capaz de refletir sobre si e sua capacidade de transmitir conhecimento a partir da fala, como podemos ver: “a linguagem não é só um instrumento para ele se comunicar, mas também para pensar, e para pensar não é necessário ver (SARTORI, 2001, p. 12)”. Aqui, Sartori nos mostra como o *logos* é o fundamento do pensar, a palavra em si é a estrutura principal de qualquer argumento e, para pesar, se faz necessário o uso da palavra e não de imagens. Por isso o excessivo consumo da imagem entorpece o nosso senso crítico.

Por sua vez, estes meios de comunicação e aplicativos de vídeos, estão aos poucos se tornando uma nova *Paideia*. Antes, era utilizado, pelos gregos, como seu sistema eficiente de educação, onde o jovem grego era preparado com as mais nobres virtudes, tais como, ginástica, gramática, retórica, tudo isso com o objetivo de se

formar o homem perfeito. Hoje se tornou um lugar que forma reprodutores de informações superficiais.

Este modelo de vida afeta diretamente na formação do homem contemporâneo, é possível perceber através das vivências, que a primeira escola na qual a criança passa a ter, não é a escola física, pré-moldada e cansativa no qual se esta acostumado, mas, a televisão e o celular educam nossas crianças. Sartori diz que a criança: “é um animal simbólico que recebe o seu *imprint*, o seu molde formativo, de um mundo feito de imagens, totalmente centralizado no ver. (SARTORI, 2001, p. 24)”.

Aqui se apresenta uma preocupação, esta nova “Paideia digital”, está formando homens que não conseguem ler, pois são anestesiados de seu senso crítico pelo uso exagerado dos meios de entretenimento. A criança criada por esta geração TikTok, será uma criança que nunca alcançará uma maturidade intelectual, mais conhecida como a vida adulta. De certo modo, esta criança crescerá, mas será vazia de conteúdo.

Em levantamento realizado no Brasil, foi identificado que sete em dez brasileiros na denominada geração Z, leem apenas os títulos das notícias que lhe são apresentadas. Viviane Rodrigues, afirmou em uma entrevista, cedida a rede Aleluia e Rádio Record, que o maior motivo pelo qual os jovens não lerem os conteúdos das notícias está atrelado ao fato do excessivo uso de imagens, como se vê: “Essa dinâmica de informações rápidas em textos curtos e muitas imagens é o que faz com que o público perca o interesse pela leitura. E faz com que cada vez consuma mais conteúdos visuais como vídeos, fotos, imagens, gifs. (RODRIGUES, V. 2018, novembro 15).”

Esta realidade confirma o que Sartori diz ao se referir ao “homo ludens”, ele vai nos dizer: “o homo ludens, o homem enquanto animal que gosta de se divertir e brincar, jamais foi tão satisfeito e gratificado em toda a sua história. (SARTORI, 2001, p. 30)”. As redes sociais satisfazem este homem desejoso por divertir-se, com isso, toda a reflexão é deixada de lado, pois a reflexão, como foi discutido no primeiro capítulo, se dá como em um processo de parto⁴, é doloroso e faz com que o homem saia do comodismo gerado pela superficialidade do saber e busque elevar sua alma a dar vida a suas ideias. A falta dessa reflexão leva, cada vez mais, a um

⁴ Teeteto, 149d

empobrecimento da capacidade de compreender, e este estado de pobreza intelectual leva a viver a “civilização do espetáculo.”

As mídias digitais em geral, se destacam por sua capacidade de entreter com seus shows, suas cores, notícias e narrativas. Como visto a pouco, o “homo ludens”, apresentado por Sartori, é o produto desta realidade midiática. Ao adentrar na vida do homem, pode-se dizer que as redes sociais e a televisão se tornam um novo demiurgo, ou seja, um novo artífice do homem contemporâneo, criado sobre os moldes do entretenimento.

Aqui se refere ao mesmo demiurgo a qual está descrito na República de Platão. Este termo grego “demiurgós” pode ser traduzido para nossa língua como artífice. Platão apresenta o demiurgo como o responsável por trazer as ideias presentes no mundo perfeito, o mundo das ideias, e imprimi-las no mundo imperfeito. Como se vê no diálogo: “Ora, se o universo ordenando é belo e seu artífice bom, fica evidente que ele fixou seu olhar no eterno. Porém, se fossem eles o contrário disso – suposição que, por si só, destacada as leis divinas – seu olhar teria pousado sobre aquilo que veio a ser. (PLATÃO, 2014, p. 178)”.

Assim, o demiurgo é compreendido como um ser divino que ao criar o universo fez uma ponte entre o plano material com o das ideias, ambos construídos por ele mesmo, este demiurgo faz uma ponte entre o plano das ideias e traz de forma perfeita, de tal maneira que toda natureza cumpre com o seu papel de forma perfeita. Quando desperta no homem a razão, este homem entra na categoria de artífice, que de uma certa maneira deveria também simular este demiurgo porque também cabe a ele criar.

Este novo Demiurgo (os meios de comunicação) imprimem no homem uma nova natureza, onde as mídias digitais e as redes sociais se tornam o novo mundo das ideias, local onde existe um gigantesco portfólio de informações, produtos, ideias, sonhos que desestabilizam a estrutura moral, pelo fato de que a internet torna todo conteúdo superficial, criando assim deformações em nosso senso crítico. Esta deformação gera sofrimento, pois, o homem torna-se intelectualmente raso, assim incapaz de dar respostas aos desafios que se apresentam constantemente.

Pode-se dizer que é perigoso este movimento do homem contemporâneo. De fato, hoje percebe-se que a necessidade de reflexão está, aos poucos, sendo deixada de lado. Sartori nos alerta sobre isso: “Na realidade, a televisão produz imagens e apaga os conceitos; mas desse modo atrofia a nossa capacidade de abstração e com ela toda a nossa capacidade de compreender. (SARTORI, 2001, p. 32)”

Essas “tele-visão” do homem, apresentada por Sartori, vai de encontro com uma realidade na qual torna o homem um mero receptor de informação. Estando, a todo momento, conectado com o mundo virtual, mas desconectado com o mundo real, o homem se vê bombardeado com propagandas e informações que nos anestesiaram e nos deixam cada vez mais empobrecidos de conhecimento, inclusive o uso excessivo das redes sociais, atinge diretamente na alfabetização, as crianças cada vez tem menos vocabulário tudo pela necessidade de ser rápido.

Com o pensamento crítico fragilizado, e as capacidades reflexivas anestesiadas pelos diversos meios de comunicação, permite-se que os meios de comunicação se tornem formadores de opiniões, como é apresentado o trecho a seguir: “Hoje, o povo soberano “opina” sobre tudo em virtude da forma com que a televisão o induz a opinar (SARTORI, 2001, p. 51)”. Sartori coloca a televisão como o formador de opinião, hoje a concepção de mundo é conduzida principalmente por aplicativos e redes sociais.

Tudo isso se dá pela condição do meio social do homem contemporâneo, pois ao centralizar a sua vida no entretenimento, ele cria um ambiente superficial que Mario Vargas Llosa apresenta como “a civilização do espetáculo”.

2.2. A CIVILIZAÇÃO DO ESPETÁCULO

Vencedor do prêmio Nobel de literatura, Jorge Mario Pedro Vargas Llosa é escritor, político e jornalista Peruano. Ele apresenta uma realidade na qual o homem desinteressado pelo pensamento crítico, centraliza a sua vida no entretenimento.

Esta realidade se dá em uma “civilização do espetáculo”, a qual o entretenimento é posto em primeiro lugar, deixando de lado o senso crítico. Neste modo de vida é comum as pessoas lerem apenas o título das notícias ou artigos e com base nisso tiram suas conclusões. Não se aprofundam mais, muito menos buscam conhecer. Ao transformar o entretenimento em um valor supremo, leva o homem a um abismo de banalização e frivolidade.

Para ilustrar e deixar um pouco mais claro sobre a realidade desta nova civilização, pensemos em uma situação do cotidiano em que um motociclista se envolve em um acidente no trânsito na grande São Paulo e inúmeros celulares apontados para a vítima em busca de uma boa “store”. É assim que se pode demonstrar com clareza a civilização atual.

Llosa, em seu livro “a civilização do espetáculo”, define assim: “O que quer dizer a civilização do espetáculo? É a civilização de um mundo onde o primeiro lugar na tabela de valores vigente é ocupado pelo entretenimento, onde divertir-se, escapar do tédio, é a paixão universal (LLOSA, 2013, p. 29)”. É perfeitamente compreensível este estilo de vida, o problema principal está na banalização do senso crítico, da necessidade de reflexão e a relativização da cultura, em nome da busca incessante de prazer.

O crescimento exponencial das classes médias na Europa e América do Norte e a intensificação da mobilidade social, causaram uma abertura nos parâmetros morais. São estes fatores que contribuíram sistematicamente para o desenvolvimento desta realidade, como se vê: “O bem-estar, a liberdade dos costumes e o espaço crescente ocupado pelo ócio no mundo desenvolvido construíram notável estímulo para a multiplicação das indústrias de diversão, promovidas pela publicidade, mãe e mestra de nosso tempo (LLOSA, 2013, p. 30)“.

Segundo o autor, esta maneira de pensar gera um efeito negativo no desenvolvimento do homem contemporâneo, pois desvaloriza e minimiza a vida cultural. A ideia de que se tem o dever de levar a cultura para todos provocou o desaparecimento dos tipos de cultura mais elevada, por conta de sua complexidade e necessidade de reflexão.

A cultura é considerada, como toda manifestação da vida, de uma determinada comunidade dentro disso, está a língua, suas crenças, costumes e suas técnicas, mas, Vargas Llosa vai dizer que os que vivem na civilização do espetáculo mudam esse conceito, como é apresentado neste trecho: “Quando a ideia de cultura passa a ser uma amarga semelhante, é inevitável que ela possa chegar a ser entendida, apenas, como uma maneira agradável de passar o tempo. (LLOSA, 2013, p. 31)”.

De certo modo, a cultura pode tomar tal função, mas quando se resume a cultura a simplesmente divertir-se, está se depreciando tudo que faz parte dela e relativizamos todo seu conteúdo e sua riqueza. Um dos pontos em Llosa aponta em sua obra são os principais reflexos dessa desvalorização da cultura. Ele cita o exemplo de uma literatura *light*: “Por isso não é de se estranhar que a literatura mais representativa de nossa época seja a literatura *light*, leve ligeira, fácil, uma literatura que sem o menor rubor se propõe, acima de tudo e sobretudo (e quase exclusivamente), divertir. (LLOSA, 2013, p. 31)”

A opção por este tipo de leitura é encorajada pela civilização do espetáculo. Pois um diálogo platônico ou um concerto musical exige muito, é necessária uma concentração e, uma capacidade intelectual para distinguir de fato as informações que são transmitidas. Assim, os jovens buscam conteúdos cada vez mais fáceis e superficiais, conteúdos capazes de, em um curto espaço de tempo e pouco esforço intelectual, lhes dá o que eles procuram. Um exemplo simples está no “Reel” do Instagram, onde apenas desliza-se para baixo e se é bombardeado de conteúdos aleatórios de vídeos curtos de no máximo quinze segundos que prende o internauta por horas.

Esta literatura light se aplica também ao cinema, a arte, a música, enfim em todos os campos da cultura, e causam no espectador uma falsa impressão de que ele é uma pessoa culta. O conceito de crítica, que outrora desempenhava uma função fundamental ao se desenvolver o tema da cultura, auxiliava os homens no processo de discernimento daquilo que consumiam na leitura, nos filmes, nas músicas. A crítica perdeu seu papel, ou seja, este movimento maiêutico da alma de buscar discernir o que é bom, belo e justo agora é substituído pela complacência e autossatisfação.

É possível ver com clareza essa realidade no trecho do livro de Llosa: “Na civilização de nossos dias é normal e quase obrigatório a culinária e a moda ocultarem boa parte das seções dedicadas à cultura, e os “chefes” e “estilistas” terem o protagonismo que antes tinham cientistas, compositores e filósofos. (LLOSA, 2013, p.33)”. Conforme o autor nos apresenta, acontece um esvaziamento do senso crítico na vida do homem contemporâneo, este espaço é preenchido pelas grandes empresas de publicidade tornando-os em agente determinante na construção do pensamento contemporâneo.

Sartori e Llosa compartilham da ideia de que os meios de comunicação influenciam diretamente no processo de formação dos gostos, da sensibilidade da imaginação dos costumes, enfim, a opinião dos homens da civilização do espetáculo é formada pelo entretenimento. Função essa que antes era de responsabilidade dos filósofos, hoje é formada por pessoas anônimas que dirigem o pensamento através da produção de conteúdo.

Conforme apresenta Vargas Llosa, compreende-se melhor as causas dessas mudanças: “num período trágico em que o preço passou a se confundir com o valor de uma obra de arte. Quando a cultura relega o exercício de pensar ao desvão das coisas fora de moda e substitui ideias por imagens (LLOSA, 2013, p. 33)”.

Esta civilização que é apresentada pelo autor causa um impacto severo na formação do homem contemporâneo, este consumo desenfreado de prazeres fáceis e supérfluos, a busca incansável pelo lúdico, abandona de vez o encontro consigo mesmo que é alcançado pela reflexão.

Assim, se é agraciado com grandes autores na história, como Machado de Assis, Monteiro Lobato, José de Alencar, Cecília Meireles e etc. No entanto, suas obras hoje são de leitura obrigatória, com o foco em responder questões do exame nacional de ensino médio (ENEM). A civilização do espetáculo dificulta o mergulhar em tais obras e, como “homo sapiens”, para realizar um processo reflexivo que nos dê a capacidade de gerar conceitos robustos acerca do que se é apresentado, mas pelo fato de ter sido transformado no “homo videns”, ficamos preocupados em nos divertimos e absorver tudo que se passa na tela do celular.

Conforme o autor apresenta, vive-se esta realidade em relação a expressiva perda de espaço do intelectual como figura indispensável no processo de construção de uma *pólis* mais virtuosa. Segundo Mario Vargas Llosa: “Na civilização do espetáculo, o cômico é rei. (LLOSA, 2013, p. 38)”. A banalização do pensar ou do filosofar vai minando a capacidade estruturante de qualquer civilização, ou seja, a sua capacidade intelectual.

2.3.- O DESAPARECIMENTO DA CRÍTICA

A civilização do espetáculo deu origem ao problema do desaparecimento do movimento crítico, este modo clássico de pensamento, quem coloca em confronto com a realidade a fim de levantar questões em relação aos desafios que se envolve, e encontrar soluções a estes desafios foi levada com o sumiço do intelectual. Tem-se como intelectual aquele que pratica uma atividade e esta atividade tem natureza mental, que está sempre relacionada ao intelecto e sua inteligência. A participação desses homens, que contribuem com sua reflexão, seja na política ou na cultura e nas diversas estruturas da sociedade, vem diminuindo em relação aos primórdios do ocidente.

É notório este desaparecimento do intelectual, como aponta Llosa: “em nossos dias, o intelectual desapareceu os debates públicos, pelo menos dos que importam. É verdade que alguns ainda assinem manifestos, enviam cartas a jornais e se metem em polemicas, mas nada disso tem repercussão séria na marcha da sociedade

(LLOSA, 2013, p. 40)”. Assim, percebe-se que os homens e mulheres ilustres que ajudam o caminhar da sociedade com suas críticas se tornaram cada vez mais escassos.

Outra característica desta civilização é o empobrecimento das ideias, estas que são o motor principal da cultura e que, segundo o Vargas Llosa, é causada pela primazia da imagem: “Hoje vivemos a primazia das imagens sobre as ideias. Por isso os meios audiovisuais, cinema, televisão, e agora a internet, foram abandonando os livros (LLOSA, 2013, p. 41)”. Aos poucos percebe-se o quanto se deixa de lado o cultivo de livros e se substituí pelas facilidades da multimídia.

A partir destas duas observações apontadas pelo autor, percebe-se com mais nitidez que o problema principal está focalizado na imagem. As redes sociais são de fato carregadas de tais imagens que prendem a atenção ficam-se preso por horas em diversos vídeos curtos no Instagram, mas não são capazes de se aprofundar em um simples texto que é introduzido, seja na escola ou no meio universitário.

Vive-se em uma sociedade que busca sempre o menor esforço para tudo, em diversos anúncios que se depara na internet, vê-se que eles oferecem um ensino mais rápido, um sucesso financeiro sem sair de casa “apenas usando o celular”. Esses e mais outros mil casos em que se deparam ao navegar pelos diversos aplicativos de mídia social, são simples exemplos.

Ao analisar o fato do desaparecimento da crítica, percebe-se que este modelo de vida hiper tecnológica está transformando o homem em um mero espectador de um espetáculo sem fim, onde facilmente fixa-se a atenção as coisas fúteis do dia a dia, como se vê neste trecho: “Os espectadores não têm memória; por isso também não tem remorsos nem verdadeira consciência. Vivem presos à novidade, não importa qual, contanto que seja nova. (LLOSA, 2013, p 45)”. A utilização excessiva das redes sociais empobreceu a capacidade crítica do homem contemporâneo, até mesmo nos aplicativos de interação social, deparam-se com a dificuldade dialética dos usuários de sustentar uma posição acerca de alguma situação ética em que são envolvidos.

De certa forma a internet vem transformando as pessoas em leitores menos pacientes. Este modelo de mensagens curtas e de efeito, recortes de frases filosóficas que se compartilha sem ao menos compreender o real sentido das palavras que ali se apresentam é mais uma prova que nossa capacidade crítica e reflexiva vem sendo minada pelo consumo excessivo da internet.

A cultura da leitura light é de fato o grande causador do desaparecimento do intelectual, pois para a maioria das pessoas a prática da leitura sistemática e profunda vem se tornando desnecessária. O crescimento do número de ferramentas de busca de informações dá a capacidade de qualquer um, absorver informações pontuais rapidamente sem a necessidade de se refletir sobre o que se está pesquisando.

Não se está, de maneira nenhuma, condenando o avanço tecnológico oferecido por esses meios de pesquisa, no qual auxiliam sim a capacidade de busca de informações sobre diversos assuntos e autores para o desenvolvimento de ideias e produção de conhecimento. O fato é que hoje estas ferramentas são utilizadas pontualmente e usadas de forma errada, tornando-se o principal fator da decadência do processo de formação do homem virtuoso.

Com Gutenberg e sua grande invenção, da prensa tipográfica, que permitiu com que a leitura se tornasse de certa forma uma prática popular, deu a literatura mais robusta uma condição de destaque em meio a cultura. Ao longa da história, aumento da capacidade de reproduzir conteúdo, vem crescendo e com ele o acesso mais facilitado a obras de valor inestimado. Contudo, a leitura light vai acabando com isso, pois todo conteúdo passa a ter pré-requisitos para obter a atenção do leitor, quem dera tivesse a falar sobre os autores ou a relevância do conteúdo, mas sim, o número de páginas.

No livro “a geração superficial” do autor inglês Nicholas Garr, apresenta o relato de um jovem que resume bem esta realidade: ““Não leio livros”, diz Joe O’Shea, que foi o presidente do grêmio estudantil da Universidade Estadual da Flórida e que recebeu em 2008 uma bolsa Rhodes. “Vou ao Google e posso absorver a informação relevante rapidamente.” (CARR, NICHOLAS, 2011, p. 17)”. É esse o espírito da literatura *light*, ela estimula o desinteresse por uma leitura, valoriza frases curtas e sem profundidade. A boa leitura reflexiva, o movimento Heideggeriano de “des-envelamento” das ideias que são apresentadas, seja nos livros, nos filmes, nas músicas, hoje fora substituída pelo simples “Ctrl+F”.

Esta maneira na qual os homens do mundo contemporâneo se apresentam é assustador, pois deixa bem claro o nível de superficialidade intelectual que a sociedade se encontra, pois deixou de ser dominada pela tecnologia.

Para averiguar esta realidade, basta olhar ao redor do ambiente diário, seja no ônibus, no trabalho ou nas salas das nossas universidades, se vê a quantidade de pessoas “conectadas” ao seu aparelho smartphone. Com isso, é possível chegar à

conclusão de que, nos momentos em que se está conectado, se é ligado em um ambiente que fornece uma leitura rápida e descuidada, que leva por consequência a um pensamento ansioso, distraído e superficial.

A superficialidade do pensamento, torna o homem prisioneiro da caverna, na qual Platão descreve na sua alegoria. Nesta alegoria Sócrates convida Glauco a imaginar uma caverna onde prisioneiros vivessem desde a infância, onde, com as mãos presas a uma parede, eles pudessem apenas avistar sombras produzidas por uma fogueira, que eram projetadas na parede. Assim, pode-se representar as medidas sociais onde, a tela do celular, virou a parede e o mundo digital se tornou a caverna. O homem é levado a acreditar apenas nestas sombras que são projetadas como verdades, pois, basta apenas saber uma ou duas bordões filosóficos.

Esta ideia da caverna, dá uma ideia mais do problema que se enfrentamos ao colocar a nossa realidade em questão. O foco não está no conteúdo em que as mídias, de uma maneira geral, apresentam e muito menos quero aqui dizer que não é bom divertir-se ou utilizar destes meios para distrair-se, o problema maior está no foco excessivo que se dá a estas tecnologias.

O modo como se utiliza destas tecnologias é o essencial para uma reflexão que leva a entender o desaparecimento do pensamento crítico, por isso, é fundamental compreender o que disse Nicholas Carr: “Sempre estamos propensos a tornar os instrumentos tecnológicos os bodes expiatórios dos pecados daqueles que os manejam. Os produtos da ciência moderna não são em si mesmos bons ou maus: é o modo como são usados que determina o seu valor. (CARR. NICHOLAS, 2013, p 12)”.

Ou seja, cada vez mais se é engolido pelas mídias sociais, prefere-se deixar se levar pela opinião de meros produtores de conteúdos governados por gigantescos sistemas de entretenimento. O intelectual se perde na medida em que se deixa ser moldado pelos formadores de opinião, prefere-se uma leitura cômica ao invés da República de Platão que se obriga a pensar para compreender minimamente o que se apresenta no texto.

Vive-se na civilização do espetáculo, onde prefere-se acima de tudo e entretenimento, deixamos de lado a prática da dialética na qual leva o homem a um patamar reflexivo que o tira da inercia, fazendo dele uma ferramenta de evolução da estrutura da sociedade. O desaparecimento do intelectual é um divisor de águas onde pode-se deixar para traz o modelo clássico de ensino que dá o aporte necessário para

o desenvolvimento da capacidade reflexiva. Ou tender-se a uma realidade superficial focada no prazer e na diversão.

Claramente pode-se perceber que a vivência a logo prazo, nestas redes de comunicação, vão moldando à maneira de pensar e agir do homem, em relação ao meio em que vivemos, pois, a tecnologia provoca alterações nos conceitos e influência e nas opiniões da sociedade. Assim nos diz Nicholas Carr: “Ao focarmos no conteúdo de uma mídia, podemos ficar cegos a esses feitos profundos. Estamos tão ocupados sendo deslumbrados ou perturbados pela programação, que não percebemos o que está acontecendo dentro de nossas cabeças. (CARR. NICHOLAS, 2011, p. 12)”. É assim que se dá o entorpecimento da mente, causado pelas mídias, usamos tanto que não percebemos o quanto vai produzindo uma mutação ontológica do ser, onde o ser passa ter sua essência na expectativa, nada mais que um expectador.

Até mesmo Martin Heidegger (1889-1976), filósofo alemão de grande importância no século XX, já explicitava em suas obras o perigo do pensamento superficial, ou como ele apresenta, o pensamento “calculador”, que em resumidas palavras, busca nada mais que satisfazer à vontade e não deixa espaço para a reflexão. Diz Heidegger: “O pensamento calculador não pode jamais aliviar genuinamente os problemas humanos, a não ser que se una ao pensamento profundo. O pensamento confinado à sua própria superfície começa a viver apenas para organizar, manipular, dominar (PEREIRA, 2012)”. Por isso, a necessidade de se retornar à crítica, pois a crítica exige de cada ser esforço, meditação e tempo, para assim conseguir libertar-se do simples querer do pensamento superficial.

Heidegger, apresenta esse ponto acerca do pensamento superficial chamando a atenção de se faz necessário buscar a essência da própria coisa, é necessário parar e se fazer observadores de tudo aquilo que se apresenta ao homem. Este movimento de questionar a própria essência das coisas, se traduz no questionar as atividades do homem, pois, a capacidade de reflexão está intrínseca ao ser humano, mas por diversos motivos, esta mesma capacidade esta adormecida no homem contemporâneo que se deixou dominar pela tecnologia, principalmente a tecnologia da informação.

Aqueles que tentam sair, desse ciclo de inércia intelectual, passam por diversos desafios, pois, a todo instante é bombardeado com imagens e diversas opções que tentam levá-lo de volta para caverna descentralizando seu pensamento assim tirando sua atenção e o afastando da reflexão. Por isso, é de extrema importância que se

buscar fazer um esforço para retornar ao pensamento crítico, reflexivo cujo objetivo é sempre o amadurecimento da alma. Precisa-se de fato resgatar características do ser crítico, e ser intelectual não se resume no saber a técnica e sim ao a capacidade de ao se deparar com as mais diversas e surpreendentes situações do cotidiano, dar uma resposta profunda.

Sócrates realizava com maestria essa arte pela maiêutica, Sócrates conduzia a todos os que viam de encontro a ele, a dar à luz a suas próprias ideias. É necessário voltar a sentir as dores do parto, causado pelo movimento de pensar, ao aprofundar-se em sua realidade a partir de uma perspectiva filosófica e hermenêutica, dar uma resposta concreta aos desafios que surgem.

Por isso, se faz cada vez mais necessário nos dias de hoje a necessidade de filosofar, mesmo em um mundo dominado por um cientificismo puramente técnico, somos chamados a nos mantermos fiéis ao propósito original da filosofia que é o de desmitizar. Trato aqui de uma desmitização da tecnologia que se apresenta nos dias de hoje como detentora da razão.

Sócrates, nos diálogos platônicos, apresentou uma ferramenta, ou melhor dizendo um meio para poder dar luz as próprias ideias, e até mesmo durante o processo dialético, descobrir aquilo que é falso e sem vida na alma. Hoje como nunca se faz necessário um retorno ao pensamento crítico. Retorno este pela via da maiêutica apresentada por Platão, se faz indispensável retornar a crítica nos dias de hoje para avançar nas discussões ética e morais, no próprio desenvolvimento cultural, para que a cultura não se perca, mas, principalmente pois já alertava o filósofo ateniense: “A alma nos ordena conhecer quem nos admoesta ‘conhece a ti mesmo’ (PLATÃO,130a).” Assim, fica evidente a necessidade de o homem contemporâneo esforçar-se para conhecer, a realidade contemporânea admoesta o homem a refletir e dar uma resposta construtiva, para de certo modo, transformar sua vida em uma vida mais virtuosa.

E um dos caminhos que leva o homem de volta a realidade de uma vida mais reflexiva, que auxilia a sair da inércia e leva a conhecer primeiramente a ele mesmo e ao mundo, este caminho é a maiêutica.

3. A MAIÊUTICA COMO RETORNO À CRÍTICA

Assim como admoesta Platão em seus escritos, a natureza humana impulsiona ao questionamento. A todo instante o homem é colocado a pensar e discernir, não só os acontecimentos à sua volta, mas, a cada instante, sobretudo a condição humana. Este movimento intrínseco da alma, se manifesta desde o nascimento, pois, desde pequenos o homem no ventre, torna-se explorador incansável. Daí a necessidade de se resgatar a prática do questionar, pois, é a porta de entrada para o mundo.

3.1. QUESTIONAR PARA SABER

O homem está em processo contínuo de questionar, pois, pergunta-se o porquê de todas as coisas que se apresentam a ele, seja, um julgamento ético-moral ou se realmente se a ordem dos fatores não altera o produto, enfim, esta-se em constante movimento maiêutico. E é este o melhor remédio contra o entorpecimento do intelecto, pelo fato de que se deixa a alma em estado permanente de investigação filosófica.

À medida que se cria mais intimidade com a vida de Sócrates, relatada em sua grande maioria por seu discípulo Platão através dos diálogos, é apresentado como uma figura que a todo momento está interrogando seus interlocutores, sobre os mais diversos e variados assuntos como, “o que é coragem?”, “o que é conhecimento?”, enfim, Sócrates utiliza do questionar para chegar à verdade ou melhor dizendo para chegar de fato as verdades ou mais próximo possível da mesma.

Chauí (1994) apresenta a figura de Sócrates como um dos fundadores da filosofia especulativa, como se pode ver no trecho a seguir: “Sócrates o filósofo, fundador da filosofia especulativa; Platão, o adversário dos sofistas e dos socráticos menores, o que constrói a imagem de um Sócrates inimigo dos sofistas e incompatível com a ideia dos socráticos menores (CHAUÍ, 1994, p.141)”

Com isso, compreende-se que de fato o filósofo ateniense, fazia do questionar sua principal ferramenta para buscar as respostas que sua realidade solicitava dele, e pode-se atribuir a ele sem dúvidas alguma, que a pergunta socrática por excelência se dá no “o que é”. E a partir deste questionamento, dá-se início a questões do pensar sobre a ética, o homem, as relações dos homens enquanto ser social, questões que aparecem nos cursos de filosofia como pontos centrais de discussão.

Como já discutido no capítulo anterior, atualmente depara-se com um modelo de vida social, que empurra informações a todo o momento no homem, e que não é possível digerir aquilo que é apresentado. A todo, instante o homem é acionado através do seu mundo portátil, por uma informação nova que o aprisiona em um ciclo infinito de busca por uma informação, vídeo, comentário, só que cada vez mais enfeitada e configurada a medida do paladar intelectual, se é que se tem.

Aqui se mostra, de maneira gritante a necessidade de se questionar, Sócrates ao consultar o oráculo de Delfos, é visto como o mais sábio dentre os homens, sabendo disso ele sai a questionar os diversos sábios para contestar o oráculo, mas, quando nos deparamos com o escrito no pórtico do templo que dizia: “conhece a ti mesmo”, compreende-se que o conhecimento de fato não é um estado e sim um processo que exige uma busca, que tem como principal ferramenta o questionar.

Compreende-se melhor esta questão, quando se leva em conta as observações de Chauí: “Sócrates não se apresentava como professor. Pergunta e não responde. Indaga, não ensina. Não faz preleções, mas introduz o diálogo como forma de busca da verdade (CHAUÍ, 1994, p. 142)”

Essa busca da verdade, através do questionar, se perdeu na realidade contemporânea por conta das vantagens que se obtém com uso da tecnologia em nosso dia a dia. Pensando pensamos na realidade do homem medieval por exemplo, é sensato dizer que o homem que vivida na idade média, tinha muito mais virtudes do que no tempo atual, pelo fato de que, para sobreviver ele necessitava de buscar técnicas cada vez mais sofisticadas para sua sobrevivência, como caçar, lutar, pescar, construir, mas, hoje tudo se resolve com uma solicitação de serviços em um aplicativo.

Abandonou-se hoje o questionar e a busca do saber, pois é um movimento que exige o conhecimento de si, e se faz necessário que se faça sozinho esse processo. Assim se dava a primeira parte do processo dialógico de Sócrates, que fazia com que o interlocutor por si mesmo, descobrisse que as ideias que julgava possuir, na verdade eram apenas “imagens”, aquilo que muitas vezes julgamos ser definição de algo na verdade era apenas uma simples opinião.

Isso se dá, pela atitude passiva do homem atual de aceitar cegamente as ordens e opiniões geradas pelas massas. As massas aqui são as mesmas nas quais foram aboradas no segundo capítulo, ou seja, as grandes mídias e meios de comunicação, que entorpecem o sentido crítico do homem, dopando-o e tirando sua capacidade de questionar e buscar a verdade. O questionar se faz necessário na

medida que se faz capaz de utilizar os juízos e aplicá-lo sobre determinadas situações, ou seja, o pensamento vai deixar de ser uma contemplação exterior e passa a ser uma reflexão interior.

Ou seja, quando se questiona a realidade e aplica-se o processo maiêutico, para buscar a verdade sobre um fato ou situação, é possível atravessar o campo da reflexão exterior, que para Teeteto se apresenta como a primeira definição de conhecimento que é sensação, e parte para um plano de reflexão interior, que são as ideias geradas em nossa alma.

Inicia-se a partir desse movimento interno da alma, que se dá no questionar um movimento de inquietude, gerado pelas informações rasas que nos dão a impressão de um falso conhecimento. Nisso, começa-se a buscar cada vez mais reconhecer e distinguir se aquilo que é apresentado pelas mídias e que gera em na alma, um pensamento ou uma ideia, se isto de fato tem vida ou é apenas uma ilusão.

O questionar leva o homem a um descobrimento do mundo a sua volta, através do questionar consegue-se desvelar os paradigmas daquilo que é desconhecido. Pode-se aqui de maneira muito simples imaginar o contexto das crianças que a todo momento questionam seus pais acerca de inúmeras coisas e situações que envolvem o seu mundo. Uma simples pergunta que sai de uma criança demonstra a insatisfação natural que é gerada em nós pelo desconhecido quando somos crianças, e de maneira mais crítica pelo uso exagerado das mídias digitais.

Martin Heidegger em um dos seus ensaios apresenta a questão da técnica como desencobrimento das coisas, como podemos ver no trecho a seguir: “A produção conduz do encobrimento para o desencobrimento. Só se dá no sentido próprio de uma produção, enquanto e na medida em que alguma coisa encoberta, chega ao desencobrir-se (HEIDGGER, 2006, p. 16)” neste mesmo sentido, pode-se dizer que o questionar faz o homem pensar, pelo fato de que o movimento questionador vai desvelando a realidade que circunda o homem, a medida em que se aprofunda na ação de buscar a verdade. Deste modo, o ato de questionar torna o pensar uma experiência, de maneira mais íntima, uma experiência filosófica, pois, quando se questiona, é proporcionado a alma uma abertura para as diversas realidades, ou seja, o pensamento deixa de ser estático, fixo ou determinado, pois, o pensamento quando estimulado pelo ato de questionar, ou melhor dizendo, pela maiêutica praticada por Sócrates em seus diversos diálogos, torna o pensamento livre e aberto a buscar a verdade das coisas.

O questionar faz pensar, pois ele assume um caráter formador na perspectiva de que a medida em que o homem se coloca a questionar, e aqui faz-se referência a um questionamento construtivo que tem finalidade filosófica de dar vida a uma ideia bem formulada. Como se vê claramente no diálogo de Sócrates com Teeteto, onde a, partir da maiêutica, os dois buscam definir o que vem a ser o conhecimento, e este diálogo de maneira mais específica de formação, na qual, Sócrates auxilia o jovem geômetra, aluno de Teodoro, a esmiuçar o conceito de conhecimento e formular sua própria ideia.

Nesta perspectiva o questionar transforma a realidade antropológica, na medida em que tira do pensamento pitagórico, onde de certo modo, torna-se a medida de todas as coisas⁵, ideia muito explorada pelas mídias sociais de nosso tempo, e passamos de fato a uma experiência fenomenológica, na qual, eu diante de um fato ou problema que me questiona e ao mesmo tempo exige de mim uma resposta, ou seja, a mesma maiêutica utilizada por Sócrates se faz necessária nos dias de hoje, de certo modo é fundamental que voltemos a questionar a nossa realidade, questionar os conceitos que nos são apresentados, as matérias jornalistas que se fazem presentes a todo instante em nossas vidas.

De fato, essa experiência do retorno ao pensamento crítico, gerado pela maiêutica, torna o homem cada vez melhor, como apresenta Sócrates ao dizer a Teeteto: “Se, depois dessa experiência, no futuro te dispuseres a tentar conceber outros pensamentos, Teeteto, e realmente os conceba, estará grávido de melhores pensamentos do que esses por causa da investigação (PLATÃO, 2007, p. 169)” Essa mudança na alma do jovem Teeteto, causada pela investigação filosófica, faz os homens melhores pensadores, à medida que pratica-se a maiêutica.

3.2. A MAIÊUTICA COMO INSTRUMENTO FILOSÓFICO

A maiêutica socrática se apresenta hoje como o melhor instrumento filosófico para mundo contemporâneo à medida que ela se dá como uma ferramenta estruturante para o pensamento. Sócrates, dá essa certeza quando se depara com o

⁵ Aqui faz-se referência ao pensamento de Pitágoras onde “o homem é a medida de todas as coisas, das que são, enquanto são, das que não são, enquanto não são”

seu diálogo com Fedro: “todo discurso deve ser formado como um ser vivo, ter o seu organismo próprio, de modo a que não lhe faltem, nem a cabeça, nem os pés, e de modo a que tanto os órgãos internos como os externos se encontrem ajustados uns aos outros”⁶. E a maiêutica apresentada por Sócrates no diálogo com Teeteto, se mostra como esta que dá corpo e vida ao pensamento dialógico tão necessário ser discutido.

De fato, a maiêutica auxilia na medida em não se deixa ser dominado pelas inúmeras estruturas de pensamento e formadores de opinião existentes em nos dias de hoje, pois ela faz ir além do superficial, ela dá essa capacidade reflexiva puramente filosófica do ir além da imagem e conduz o homem a essência das coisas existentes.

Para compreender um pouco melhor este movimento que a maiêutica gera em na alma, tomemos como exemplo a ideia platônica da caverna, o que seria a caverna, seria um lugar fechado onde alguns homens estivessem presos pelas mãos e pernas, e diante destes homens fossem projetadas algumas sombras de animais, homens, arvores, e estas sobras desfilassem sobre as paredes. Um dia um dos homens é conduzido para fora deste lugar e se depara com as imagens reais dos objetos que até então eram apenas sombras.

Este mesmo homem é conduzido a entrada da caverna após contemplar a luz fora da caverna e se nega de adentrar, ou melhor dizendo, acreditar na realidade existente na caverna.

De maneira simples e objetiva pode-se comparar esta mesma caverna apresentada por Platão, com as mídias sociais que bombardeiam as redes sociais com imagens perfeitas de um mundo ideal no qual busca-se e consome-se a todo o momento. Esta caverna digital, modela a todo instante a maneira de pensar e agir no mundo.

Ela tem a capacidade de decidir pelo homem, seus gostos culinários, musical, artísticos, políticos e até mesmo religiosos. As mídias digitais prendem o homem contemporâneo ao mundo das imagens ou como diria Platão no conceito da eikasia, onde tudo é apreendido pelos sentidos como as imagens, reflexos, pinturas, ou seja, o homem fica preso a imaginação do mundo.

Esta imaginação leva o homem a uma doxa, ou seja, uma opinião de mundo, onde este mesmo homem deposita de maneira cega a confiança nas sensações e na

⁶ Fedro, 264 c.

sua percepção de mundo que gera uma opinião sem necessidade de verificação ou seja sem a necessidade de se atestar a veracidade desta opinião, pois, esta opinião gerada a partir de uma impressão sensível do mundo não nos leva a uma verdade. E Platão avança no seu pensamento apresentando o grau da *diánoia*, ou seja, é o raciocínio dedutivo onde se apresenta os conhecimentos a cerca dos objetos advindos da matemática que demonstra no seu desenvolvimento a essência das coisas.

Com isso, compreende-se a necessidade da maiêutica no processo de busca não somente pela definição absoluta do que vem a ser a episteme, mas também de movimentar o nosso espírito crítico em relação a um mundo dominado pela opinião superficial das coisas, é ela que liberta o homem das amarras do entretenimento entorpecente contido em sua maioria nas redes sociais e mídias em geral e leva-o a contemplação da luz que é a reflexão. Como no Teeteto, o movimento questionador movimenta a alma em direção à saída desta caverna que nos aprisiona na ignorância.

E com isso, pode-se perceber que a maiêutica não é simplesmente uma ajuda de Sócrates a seu interlocutor na busca de conhecimento, utilizando de perguntas e respostas, a maiêutica vai mais além do simples perguntar ela alimenta e estrutura o pensamento filosófico, buscando dar à luz ao pensamento concebido.

Esta prática de questionar o mundo de maneira ordenada a fim de buscar a verdade, se torna um exercício filosófico a medida em que eu consigo iluminar o espírito assim abrindo os olhos da alma fazendo com que se compreenda a verdade. Aqui pode-se dizer que a busca pelo conhecimento através da maiêutica transforma assim a filosofia numa nova Paideia onde educa-se o espírito e ensina-o a movimentar-se em relação aos desafios propostos em frente a vida cotidiana.

A maiêutica torna visível para as diversas realidades do mundo e ao praticá-la torna-se capaz de visualizar as ideias e construí-las racionalmente dando-lhes características e substratos de pensamentos verdadeiros e cheios de vida, possibilitando assim um parto verdadeiro e frutuoso.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho surgem de maneira bem objetiva todos os pontos que foram propostos desde o início desta pesquisa e que até aqui foram bem explorados e que ajudaram no desenvolvimento de todo o estudo. Em geral, o trabalho apresenta uma importante reflexão acerca dos conceitos principais do diálogo platônico Teeteto (369^a.C) e dos conceitos secundários que surgem ao longo do desenvolvimento das obras do filósofo grego.

De certo modo este é um entre inúmeros trabalhos que abordam a filosofia de Platão e os ensinamentos Socráticos sobre o conceito do conhecimento. Aqui se coloca de maneira bem singela entre as bibliografias que podem auxiliar no estudo dos conceitos de Sócrates e Platão, além de outros pensadores como Mario Vargas Llosa. Assim, ao longo de todo o trabalho, foi possível também verificar correntes filosóficas que, de maneira indireta, abordam a questão do conhecimento e de sua busca.

Ao trabalhar a questão da maiêutica como instrumento indispensável no processo de busca do conhecimento, buscou-se deixar bem claro que este instrumento filosófico de fato pode devolver ao homem a sua capacidade máxima de reflexão e pensamento crítico, e da a este mesmo a capacidade de elevar a sua produção de conhecimento.

A partir do desenvolvimento da ideia apresentado no Teeteto de Platão, onde se é apresentado três formas possíveis de conhecimento que são, conhecimento como sensação, conhecimento como opinião verdadeira e conhecimento como opinião verdadeira justificada. O processo pelo qual se chega a essas três concepções do conhecimento, demonstram um novo modelo de busca pela verdade.

É através do diálogo com Teeteto (369 a.C), que Sócrates demonstra a sua arte dialógica que se demonstrar ser eficaz no processo descrito no diálogo que busca uma definição do quem vem a ser este conhecimento.

A importância dada a maiêutica e sua relevância em meio ao contexto da civilização voltada totalmente ao espetáculo e para o entretenimento. Assim, deixando de lado a sua capacidade de refletir sobre os mais simples acontecimentos de nosso cotidiano. Esta realidade foi trazida pelo autor Mario Vargas Llosa que problematiza a degradação da cultura e sua forte influência na fragilização do pensamento contemporâneo.

Esta realidade, nos questiona, por que filosofar, hoje em um mundo marcado pela relativização do pensamento, informações descentralizadas. O motivo continua o mesmo de sua origem que é trazer o homem à verdade, Sócrates afirma que “aprender é tornar-se mais conhecedor”. A partir desta afirmação, é sentida a necessidade de se retomar a maiêutica socrática e fazê-la presente nas práticas cotidianas.

A maiêutica é de extrema importância para construir um pensamento político, social e filosófico, este modelo socrático de filosofar, realiza no jovem Teeteto aquilo que falta no homem contemporâneo, a dor do parto intelectual, ou seja, o questionar-se, uma espécie de “auto maiêutica” ou uma maiêutica natural, que está intrínseca a alma do homem, mas que está adormecida pelo entorpecimento do senso crítico causado pelo excesso de diversão.

Através desse instrumento filosófico, é possível formar um pensamento mais crítico e robusto, que não se dissolva com questionamento superficiais e que auxilie a alma a realizar o processo de desvelamento da realidade do mundo.

Por isso, a maiêutica não é simplesmente um processo questionador, ela se apresenta como auxílio no processo de dar vida ao pensamento, a maiêutica produz um movimento dialógico com a alma e com o mundo onde de maneira concreta tem-se a possibilidade de chegar à verdade em si das coisas, tornando o homem contemporâneo cada vez mais crítico a sua realidade.

5. BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1998.

BUCCI, Eugenio, 1958 – **Videologias: ensaios sobre televisão** Eugênio Bucci, Maria Rita Kehl. – São Paulo: Boitempo, 2004 (Estado de sítio)

CURY, A. C. **7 em cada 10 brasileiros só leem o título das notícias**.

Universal.org.2018.Disponívelem:<https://www.universal.org/noticias/post/pesquisa-aponta-que-7-em-cada-10-brasileiros-so-leem-o-titulo-das-noticias/>. Acesso em: 08 ago. 2022.

CARR, Nicholas. **A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros**. Tradução de Mônica Gagliotti Fortunato Friaça. Rio de Janeiro: Agir, 2011. 312 p. ISBN 978-85-220-1005-9

Dialogos I: **Teeteto (ou do conhecimento), Sofista (ou do ser), Protágoras (ou sofistas)** / Platão; tradução, textos adicionais e notas Edson Bini. – São Paulo: Edipro, 2007.

_____. **Diálogos: Sofista, Político, Filebo, Timeu, Crítias**. Mem Martins: Publicações Europa-América, S/d.

_____. **Epistemé e Formas no Teeteto**. In: SANTOS, J. T. (Org). Do Saber ao Conhecimento – Estudos sobre o Teeteto. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005b.

_____. **Fédon**. Trad. Maria T. Schiappa de Azevedo. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

FERRARI, F. **O “Sonho de Sócrates”**: problemas, aporias, possíveis soluções. In: SANTOS, J. T. (Org). Do Saber ao Conhecimento – Estudos sobre o Teeteto. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005b.

LLOSA, V. Mario. **A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura**; 1ª edição – Rio de Janeiro; objetiva, 2013.

_____. **O método da dialética em Platão**. In: BENSON, H. Platão. Trad. Marco Antônio de Ávila Zingano. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PEREIRA, N. **Heidegger e “a mais perigosa condição do nosso tempo”: a obsessão com o pensamento superficial**. dharmalog.com. 2012. Disponível em: <https://www.dharmalog.com/2012/06/21/heidegger-e-a-mais-perigosa-condicao-do-nosso-tempo-a-obsessao-com-o-pensamento-superficial-livro/#> 22 de set. 2022.

PESSANHA, M.A José. Sócrates - **Os Pensadores**. 1ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

PLATÃO. **A República**. Introd., trad. e notas de Maria H. da Rocha Pereira. 8ªed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, s/d.

Revista Classica, v. 28, n. 2, p. 35-45, 2015

REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga** / Giovanni Reale; tradução Marcelo Perine. – São Paulo: Loyola, 1993

SARTORI, Giovanni. **Homo videns: televisão e pós-pensamento**. Bauru, SP: EDUSC, 2001. 150 p. (Verbum).